



A Morte no Telejornalismo: O Caso do Vôo 447 da Air France no Jornal Nacional¹

Michele Negrini²
Universidade Federal do Pampa
Pontifícia Universidade Católica do RS

Resumo

Este artigo tem como objetivo refletir sobre o tratamento dado à morte na cobertura do Jornal Nacional ao acidente com o voo 447 da Air France. Também observamos como o JN abordou questões ligadas à tragédia, como o sofrimento de parentes das vítimas, repercussão da tragédia no mundo e possíveis explicações para a ocorrência do caso. Consideramos a morte como um acontecimento jornalístico a partir da definição de Adriano Duarte Rodrigues. Tomamos como objeto de estudo as edições do telejornal que foram ao ar nos dias 01, 02 e 03 de junho.

Palavras-Chave: morte; telejornalismo; Jornal Nacional.

A morte é um dos temas mais delicados e controversos da história cultural da humanidade. É um elemento estrutural para o entendimento do homem, pois o ser humano só se reconhece a partir da aceitação de sua finitude. A vida está estreitamente ligada com a significação que se atribui à morte. A concepção que o homem tem de vida e a que tem de morte fazem parte de um único comportamento fundamental. Com o reconhecimento da morte, a vida se torna mais plena, a consciência do fim embasa um olhar diferenciado sobre o presente, dando forma à vida. A adaptação com a idéia de morte oferece bases para a vivência (SIMMEL, 1998).

Como os humanos constituem a única espécie que tem a certeza da morte presente durante a existência, que pratica ritos fúnebres, a sua essência está associada às suas crenças perante a morte. As formas de viver têm amplas relações com o fim. Dastur (2002) salienta que o conhecimento que as pessoas têm do próprio fim é que torna possível a relação que os humanos têm com a própria mortalidade. O morrer não é apenas uma determinação extrínseca da existência, um acidente, mas um atributo

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista; mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; doutoranda em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; docente da Universidade Federal do Pampa/Unipampa São Borja. E-mail: mmnegrini@yahoo.com.br.



essencial do homem. A relação do ser humano com a morte é constitutiva do seu próprio ser.

Para Chiavenato (1998), a morte é o tema mais delicado e controverso da história cultural da humanidade. Morin (2005) salienta que é na morte que se dá a maior ruptura entre o espírito humano e o mundo biológico. “Na morte, encontram-se, chocam-se, ligam-se o espírito, a consciência, a racionalidade e o mito” (MORIN, 2005, p. 45). O autor ressalta que é na morte que o homem constrói o entendimento de si. É na consciência da própria finitude que o homem se diferencia dos outros seres vivos.

O momento em que o homem se dá conta que vai morrer é fundador para a cultura. Com a consciência da morte, o homem tem a preocupação de transmissão e de conservação de todo o seu patrimônio cultural. A morte leva à difusão de hábitos, costumes e conhecimentos, que são preservados entre gerações. Assim, na medida em que o homem entende que vai morrer, ele tem a preocupação de preservação cultural e acaba tendo um sentido mais consistente para a sua vida.

As sociedades ocidentais do século XX são tratadas por Ariés (2003) como negadoras da morte. Na atualidade, é característica a atitude do homem de negar a própria morte. A finitude humana não é tratada no cotidiano e as pessoas vivem de forma a parecer que ela não existe. Oliva-Augusto (1995) diz que um mecanismo de negação da morte nas sociedades atuais é o “fazer passar a vida”. Loureiro (1998) acrescenta que por estarmos submersos na vida, em atividades cotidianas, corriqueiras para nós, eliminamos, quase por completo, as idéias da morte, principalmente as de nossa morte. O homem, no decorrer de seu cotidiano, na maioria das vezes, vive como se a própria morte não estivesse presente nas suas relações.

Freire (2006) complementa dizendo que apesar do homem desejar a superação da morte, algumas mudanças na compreensão do papel do indivíduo³ nas sociedades modernas contribuíram para uma maneira diferenciada de negar a morte. “Não são mais as projeções da idéia de continuidade em um plano metafísico que asseguram a amenização para o enfrentamento da morte. Negar a mortalidade, atualmente, é viver como se ela não existisse” (FREIRE, 2006, p.28). Como o homem tem a certeza de sua morte física e sabe que é impotente diante dela, a crença da imortalidade⁴ dá suporte

³ Neste estudo, não estamos contemplando nenhum conceito específico das Ciências Sociais para tratar do “indivíduo”.

⁴ A imortalidade presente nas crenças dos homens se dá no campo do imaginário. O homem crê na vitória de sua alma sobre a morte e que esta alma vai ter espaço em outras dimensões. Morin (1988) trata a alma como sendo um *duplo*. Para o autor, é através da consciência do homem e dos movimentos de seu *duplo* que a idéia da morte tem espaço. A morte vai ser apropriada pelo homem mágica e miticamente. O domínio da morte continuará a ser a zona



para a negação da finitude. A partir dessa crença, é que vive o homem, o qual, muitas vezes, embora conhecendo a morte e tendo certeza de sua chegada, vive cego frente a ela, como se a finitude só existisse longe de suas relações. A angústia provocada pela certeza da morte existe, mas está mascarada pela perspectiva da vivência da alma.

Morin (1988) diz que se o homem é condenado a se manter impotente frente à morte biológica, então ela vai ser o mais falso (o mais verdadeiro) dos problemas da individualidade humana. Para o autor, vencer a morte significa domesticar a espécie em todos os planos. “Colonizar a espécie é colonizar a morte, e vice-versa, é o triunfo da individualidade, a sua possibilidade infinita” (MORIN, 1988, p. 306). Assim, o triunfo do indivíduo sobre a espécie como um todo se daria no vencimento da finitude humana, mas no cotidiano das pessoas, a morte pode ser ultrapassada somente no campo simbólico e no imaginário⁵.

As sociedades ocidentais atuais, apesar de consideradas “negadoras” da morte, contemplam amplamente a temática da finitude humana na cena midiática. De acordo com o pensamento de Castells (1999), é tendência predominante das sociedades ocidentais o apagamento da morte do convívio social e fazer com que ela se torne inexpressiva pela sua repetição na cena midiática – sempre na forma da morte do outro. O homem contempla a morte do outro nos meios de comunicação e se distancia da sua própria morte. A sua própria morte acaba ficando no campo do inesperado.

Tratando-se das transmissões midiáticas, a morte é levada aos olhos do público nos mais diversos programas, fazendo parte de programas de entretenimento e ganhando considerável espaço no jornalismo. Na cobertura feita pelo Jornal Nacional ao acidente com o voo 447 da Air France foram explorados detalhes espetaculares que cercam a finitude humana. Como diz Salles (2004): “E como uma das notícias mais interessantes é a morte, chegamos à triste e reveladora conclusão: a grande mídia vende a morte. E o pior é que nós compramos o produto [...]”.

Jabor (2004), tentando explicar o porquê de a morte exercer um encantamento entre os mais diversos públicos do jornalismo, diz que o espetáculo da morte alivia as

de sombra onde triunfam a magia e o mito, da forma mais categórica e permanente. O conteúdo antropológico da morte dá espaço para a demonstração da amplitude do imaginário do homem.

⁵ Nas Sagradas Escrituras, encontram-se passagens que narram a vitória sobre a morte biológica. Jesus, em seu período de pregações, ressuscitou Lázaro, irmão de Marta e Maria, quatro dias após seu sepultamento (João 11, 1-44). A filha de Jairo também vence a morte com a intercessão do Cristo (Marcos 5, 21-43). O filho da viúva de Naim foi ressuscitado no caminho da sepultura (Lucas 7, 11-17). O próprio Jesus venceu a morte após ter sido crucificado e estar morto há três dias (João 20, 1 – 18).



tensões do homem, purificando os seus ódios por uma espécie de “Kátharsis pós-moderna”, a qual o isola da sociedade, desintegra-o e o aliena.

Traquina (2005) aponta a morte como um valor-notícia importante no jornalismo. O autor explica os valores-notícia como sendo elementos básicos da cultura jornalística que são partilhados por essa comunidade.

A morte é um valor-notícia fundamental para essa comunidade interpretativa e uma razão que explica o negativismo do mundo jornalístico que é apresentado diariamente nas páginas do jornal ou nos écrans da televisão. No seu estudo antropológico dos correspondentes de guerra em El Salvador, Mark Pedeltyouve faz um fotojornalista explicar o tipo de fotos que a hierarquia do jornal quer: “Assassinatos, bombardeamentos, funerais, e conferências de imprensa. Aquilo que combina com as melhores ‘estórias’”. Conta que a pergunta mais freqüente do seu chefe é “Quantos corpos?” (TRAQUINA, 2005, p.79).

Mouillaud (2002), referindo-se ao jornalismo impresso, salienta que diferentes “locais” são atribuídos à morte no jornalismo cotidiano e que há diferentes tipos de mortos nas páginas dos jornais, como: os mortos de serviço, que compõem a necrologia; os mortos acidentais; os mortos dos conflitos, das guerras e das revoluções, que passam a fazer parte da história; e o Grande Morto, que se destaca pelo seu nome, pela sua fama.

Neste estudo, vamos tratar a morte acidental como acontecimento jornalístico, com foco específico no acidente com o voo 447 da Air France. O acontecimento é definido por Rodrigues (1993) como tudo aquilo que irrompe a superfície lisa da história entre uma multiplicidade aleatória de fatos que ocorrem no cotidiano. “Pela sua natureza, o acontecimento situa-se, portanto, algures na escala das probabilidades de ocorrência, sendo tanto mais imprevisível quanto menos provável for a sua realização” (RODRIGUES, 1993, p.27). O acontecimento é imprevisível, irrompe de forma acidental o transcorrer do cotidiano.

A morte é um tema que tem ampla significação entre as pessoas. Tratando-se das sociedades ocidentais atuais, que são consideradas negadoras da idéia da finitude humana, a transmissão midiática da morte mexe com elementos que são particulares do íntimo dos espectadores. No caso do acidente com o voo da Air France, onde mais de duzentas pessoas faleceram na mesma ocasião, a morte ganha espaço destacado nas principais mídias brasileiras. Mouillaud (2002, p.350) analisa a importância da morte acidental para a mídia: “O morto acidental, o jornal o toma por sua conta; nele a morte



se torna acontecimento como o corte ou a derrota de uma rotina. [...] É a particularidade (do acidente ou do crime) que se torna notícia; sua diversidade é a essência”.

O Caso do Jornal Nacional

O Jornal Nacional foi o primeiro telejornal a ser transmitido em rede nacional e até hoje é líder em audiência em seu horário. Foi ao ar pela primeira vez no dia 1º de janeiro de 1969, ano em que os meios de comunicação sofriam censura da ditadura militar.

O JN tem um formato padrão desde que iniciou suas transmissões. Em uma bancada, dois jornalistas sentados apresentam o telejornal. Cid Moreira e Sérgio Chapelin se tornaram marcas do programa, que atualmente é apresentado por William Bonner e Fátima Bernardes. Inicialmente, o telejornal tinha 15 minutos de duração e era transmitido de segunda a sábado, como acontece atualmente; porém, agora o programa fica quase uma hora no ar, sendo transmitido entre 20h10min e 21h10min (ABRANTES, 2006).

Diferentes tipos de mortes estão presentes na rotina do telejornal. Na programação do JN há espaço para alguns dos principais tipos de morte elencados por Mouillaud (2002) como presentes no jornalismo: os mortos acidentais; os mortos dos conflitos, das guerras; e os Grandes Mortos, que se destacam pela sua fama na sociedade.

No caso do acidente com voo 447 da Air France⁶, a morte acidental ganha proporções de acontecimento jornalístico e tem destacado espaço na programação dos principais veículos de comunicação do país. Jornais on-line fizeram a habitual cobertura minuto a minuto dando os mais diversos detalhes do acidente. Telejornais ocuparam sua pauta com o assunto durante vários dias após o acidente. Imprensa diários e revistas semanais deram aos mortos amplo espaço em suas páginas.

O Jornal Nacional, frente à tragédia, prezou a colocação de Traquina (2005) de que a morte é um valor-notícia importante. Destinou boa parte do tempo que ficou no ar na semana que ocorreu o acidente para focalizar o caso. Possíveis explicações para o caso foram dadas, os sentimentos dos familiares das vítimas foram explorados, enfim, a morte tornou-se um acontecimento jornalístico digno de grande repercussão. Desta forma, a cobertura do JN ao caso do voo 447 da Air France tornou-se um interessante objeto para estudos.

⁶ O voo 447 da Air France partiu, no dia 31 de maio de 2009, do Rio de Janeiro para Paris e acabou desaparecendo quando sobrevoava o Oceano Atlântico. O voo transportava 228 pessoas. (Fonte: Portal G1)



Por uma opção metodológica, decidimos analisar as edições do JN dos dias 01, 02 e 03 de junho de 2009. Também por opção metodológica, selecionamos os principais sentidos⁷ instituídos sobre a morte, os quais dão a ela a proporção de acontecimento jornalístico, no discurso de todos os locutores⁸ presentes nas matérias sobre o tema nos programas em estudo, inclusive dos apresentadores, e apontamos as falas de cada locutor literalmente como elas foram ditas nas edições referidas do JN. Grifamos, no decorrer das frases dos locutores, as marcas de sentidos referentes aos pontos em discussão.

Nas edições do Jornal Nacional dos dias 01, 02 e 03 de junho, o acidente com o avião da Air France se sobressaiu sobre as demais pautas. É interessante ressaltar que o acidente com o voo 447 da Air France, por ter ocorrido em situação diferenciada em relação aos últimos acidentes da aviação brasileira – devido ao avião ter caído no Oceano Atlântico e ter deixado poucos vestígios, deu poucos subsídios para a cobertura televisiva e ofereceu poucas possibilidades de imagens. Nos dias 01, 02 e 03 de junho não tinham sido encontrados corpos, não havia muitas explicações para o que tinha levado à ocorrência do acidente e poucos destroços tinham sido localizados.

No caso do Jornal Nacional, foram enfocados vários pontos referentes ao acidente, entre eles: o sofrimento das famílias das vítimas; a expectativa das famílias, das autoridades e do público para o encontro de sobreviventes; tentativas de explicação para o caso; e retrospecto do acidente no mundo. As explicações de locutores foram variadas, tiveram voz desde autoridades até familiares demonstrando toda a sua inquietação pelo desaparecimento do avião.

Um acidente trágico gera comoção tanto nas famílias como no público. A cobertura do Jornal Nacional ao caso do voo 447 foi marcada pela espetacularização⁹. Choros e tristezas dos familiares foram mostrados no ar. A ausência de subsídios para a

⁷ Benetti (2007) salienta que o jornalismo é um lugar de produção e circulação de sentidos. Para Orlandi, a produção de sentidos tem íntimas relações com os interlocutores do discurso. Os sentidos estão vinculados com as posições ideológicas que estão em jogo no processo de produção das palavras e variam conforme as estratégias de funcionamento dos discursos, a posição do sujeito que fala e do que lê, o meio de realização do texto e as relações de poder ali inseridas. “O sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Esta é a marca da subjetivação e, ao mesmo tempo, o traço da relação da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito” (ORLANDI, 2001, p. 47). Neste artigo, vai-se tomar como base o conceito de sentido de Orlandi (2001), mas não serão aprofundados os estudos da autora sobre o tema.

⁸ Ducrot (1987, p. 182) diz que o locutor é “um ser que é, no próprio sentido do enunciado, apresentado como seu responsável”. O locutor mostra-se como o “eu” no discurso.

⁹ Guy Debord diz que o conceito de espetáculo está intimamente relacionado com a vida humana, ele é a sua afirmação como aparência. “O conceito de espetáculo unifica e explica uma grande diversidade de fenômenos aparentes. [...] Considerado de acordo com seus próprios termos, o espetáculo é a *afirmação* da aparência e a afirmação de toda a vida humana – isto é, social – como simples aparência” (DEBORD, 1997, p.16).



cobertura do acontecimento foi preenchida com os sentimentos mais íntimos dos familiares.

"Meu pai e minha mãe foram *comemorar o aniversário do meu pai*, que é hoje", disse um homem.

"Mora em Luxemburgo, *veio visitar a família* e está desaparecido junto com o avião", disse Francisco de Orleans e Bragança, tio de Pedro Luis.

"A gente fica sensibilizado com os outros familiares. *A gente sente um pouco da dor que eles estão sentindo*", disse o funcionário público Bernardo Ciriaco.

"Ele se despediu de mim. *Ele não tinha costume nem de me abraçar, me abraçou*", disse Nilton Marinho, irmão de Néelson Marinho.

"*A gente está vivendo uma fase extremamente difícil agora*, a gente está esperando informações, esperando localizar a aeronave. Vamos ver o que vai ser daqui para frente", disse Eduardo Chem, filho de Roberto Chem.

O Jornal Nacional também mostrou detalhes da vida de algumas vítimas, com narrativas de momentos bons da vida delas e explicações sobre o motivo da viagem no voo 447. Os jovens que acabaram de casar e foram para lua de mel; o rapaz que veio ao Brasil para o enterro do pai; membros de uma ONG que ajudava crianças carentes: todos morreram em um voo da Air France e se tornaram personagens de edições do Jornal Nacional.

O maestro Sílvio Barbato, *ex-regente da Orquestra do Teatro Municipal do Rio*, também estava no avião da Air France.

Hilton Jadir de Souza, de 50 anos, *engenheiro da Petrobras*, ia para a Alemanha a serviço da empresa.

A mesa de trabalho está como Pablo deixou. *O argentino, apaixonado pelo Brasil, queria mostrar Paris para a mulher*, Ana Carolina.

Na ONG Viva Rio, *ela cuidava de crianças carentes. Ele ajudou a escrever o estatuto do desarmamento*. "É muito triste porque se trata de um casal jovem, totalmente dedicado a reduzir a violência", declarou Antônio Rangel, sociólogo da ONG Viva Rio.

Lucas Gagliano é o único brasileiro da tripulação do voo 447. *Ele veio ao Rio para o enterro do pai*. Parentes do comissário estiveram no hotel, onde funcionários da Infraero, da Air France e da Agência Nacional de Aviação Civil deram esclarecimentos sobre as buscas ao Airbus. O ministro da Defesa, Nelson Jobim, conversou com as famílias.

Bianca e Carlos reuniram 500 pessoas na festa de casamento um dia antes do embarque para a lua-de-mel. O mineiro José Gregório viajou com a mulher



para comemorar, na segunda, 1º de junho, seu aniversário de 70 anos.

José Ronnel trabalhava como dentista na Inglaterra. *Veio ao Brasil passar o aniversário de 35 anos com a família.* “Você fica sem nada, sem nenhum vestígio, o que eles vão encontrar nessa busca?”, indagou Ubirajara Fonseca, tio de José.

A localização dos primeiros destroços do Airbus foi a confirmação da catástrofe e da materialização da morte. O Jornal Nacional enfoca o retrospecto da localização de restos do avião entre familiares e pessoas ligadas às vítimas.

Na França, a notícia da localização dos destroços *aumentou a rede de solidariedade* em torno dos parentes de vítimas do acidente.

Nesta terça, *um choque para quem ainda tinha esperanças.* As famílias foram informadas que a Força Aérea Brasileira tinha localizado os primeiros destroços. A Air France e o governo da França estão oferecendo passagem e acomodações para as famílias que queiram acompanhar as buscas de perto tanto no Brasil quanto na costa da África.

A localização dos destroços também deixou apreensivos parentes dos passageiros brasileiros.

A ênfase à grande dimensão do acidente é visível no discurso do Jornal Nacional. Foi reiterado que o Airbus da Air France era um avião preparado para viagens de longas distâncias e que nele estavam, no momento do acidente, 228 pessoas – de diversas nacionalidades.

Um avião da Air France, *com 228 pessoas a bordo*, está desaparecido há mais de 20 horas. O voo 447 saiu do Rio de Janeiro com destino a Paris, na França. Segundo a companhia aérea, 58 brasileiros embarcaram no voo.

No avião, *havia passageiros de 31 nacionalidades*, entre eles 61 franceses, 26 alemães, nove chineses, nove italianos e um argentino. Há uma divergência sobre o número de brasileiros a bordo. A Agência Nacional de Aviação Civil informa que são 56 passageiros e um tripulante, mas a Air France afirma que são 58 brasileiros.

São passageiros de várias partes do país, segundo informações de parentes e amigos. Entre eles, dois executivos da Michelin, fabricante de pneus: Luiz Roberto Anastácio e Antonio Augusto Gueiros.

O Jornal Nacional destacou o posicionamento de autoridades brasileiras e francesas em relação ao caso. O presidente francês Sarkozy deixa claro estar diante de



um acidente de grandes proporções e de uma situação com um grande número de mortos.

No meio da tarde, o presidente da França, Nicolás Sarkozy, veio acompanhado de dois ministros *prestar solidariedade e falar com os parentes dos desaparecidos*. Entre eles, sete grupos de brasileiros.

“Todos podem imaginar o que a mãe que perdeu a filha, a noiva que perdeu o noivo, pode estar pensando neste instante. Mas eu falei a eles a verdade, que a possibilidade de encontrar sobreviventes é muito pequena”, disse Sarkozy.

Emocionado, ele disse que a preocupação agora é com as famílias. Para quem a Air France está disponibilizando vôos para reuniões familiares, dando auxílio logístico e também financeiro.

O presidente Lula, que está em El Salvador, conversou por telefone com o presidente francês. Lula falou sobre o acidente com o avião. “Nessas horas, não existe outra coisa *a não ser lamentar profundamente e desejar para as famílias muita força*, porque nessa hora não existem palavras. Eu não sabia bem o que falar com o Sarkozy, ele não sabia bem o que falar comigo. Vamos pedir a Deus que a gente encontre sobreviventes e vamos aguardar mais informações”.

A tentativa de dar uma explicação para o caso foi um dos focos das edições do JN em estudo. Várias hipóteses foram levantadas e discutidas no ar.

A hipótese de terrorismo não foi descartada. Mas o porta-voz da Air France, em entrevista exclusiva ao Jornal Nacional, disse que *é mais provável que o avião tenha sido atingido por raios na tempestade*, o que teria provocado a pane elétrica e dos computadores de bordo.

Para o especialista em segurança de vôo Jorge Barros, raios normalmente não derrubam aviões. Mas eles podem disparar um processo de defeitos no avião que, se não forem corrigidos por sistemas auxiliares, podem chegar colocar o voo em risco. *Uma hipótese dele é que alguma norma de segurança não tenha sido corretamente aplicada*.

Mas para o ex-presidente da Infraero, brigadeiro José Carlos Pereira, *vai ser muito difícil chegar a uma conclusão sobre a causa do acidente*. Os especialistas não têm muita esperança de encontrar a caixa-preta que registra as últimas informações sobre o vôo.

Considerações Finais

A morte é um tema com diversas interpretações, as quais estão muito ligadas com cada cultura. Há uma complexidade ligada às discussões sobre a morte. Como a morte



é um tema bastante importante e ao mesmo tempo, em algumas culturas, ainda de difícil discussão, pode-se dizer que a cobertura do Jornal Nacional ao acidente com o avião da Air France se deu de forma simplista, sem nenhuma preocupação com os espectadores e com as famílias das vítimas que foram expostas no ar.

No caso do acidente com o voo 447 da Air France, a morte de mais de 200 pessoas tomou proporções de acontecimento jornalístico e teve detalhes espetaculares explorados. Como nos primeiros dias que seguiram à tragédia houve poucas pistas sobre o acontecimento, alguns veículos de comunicação acabaram utilizando de muita “criatividade” para fazer a cobertura. No caso do JN, ocorreu a realização de uma espécie de “espetáculo”, que contou com vários ingredientes, como a exploração de emoções das famílias das vítimas, a demonstração da árdua busca por destroços, além do detalhamento da repercussão do fato trágico pelo mundo e da tristeza gerada por ele.

As edições do JN analisadas neste estudo destacaram momentos específicos da vida de algumas vítimas até o momento em que elas embarcaram no voo 447. Os momentos ressaltados mostram fatos marcantes da vida dos passageiros e enaltecem as suas qualidades para a família e para a sociedade. Com essa postura, o JN dá espaço para o considerarmos um programa que se utiliza do apelo às emoções do público e que foge do padrão que se espera de um telejornal.

Assim, temos espaço para salientar que a morte é um valor-notícia que rende para o telejornalismo, na medida em que sua cobertura explora os mais variados ingredientes dos sentimentos humanos frente à perda.

Referências Bibliográficas

ABRANTES, Priscila. **Vozes e sentidos no telejornalismo: a imagem dos presidentiáveis na eleição de 2006 no Jornal Nacional**. Trabalho final de graduação do curso de Jornalismo. Centro Universitário Franciscano, 2006.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BENETTI, Márcia. **A ironia como estratégia discursiva da Revista Veja**. In: XVI Encontro Anual dos programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2007, Curitiba. Anais. Curitiba: Compós, 2007.

BÍBLIA SAGRADA. 40ª Edição. São Paulo: Ave Maria, 1982.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.



CHIAVENATO, José Júlio. **A morte:** uma abordagem sociocultural. São Paulo: Moderna, 1998.

DEBORD, GUY. **A Sociedade do Espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DASTUR, Françoise. **A morte:** ensaio sobre a finitude. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito.** Campinas: Pontes, 1987.

FREIRE, Milena Carvalho Bezerra. **O som do silêncio:** isolamento e sociabilidade no trabalho do luto. Natal: EDUFRN, 2006.

JABOR, Arnaldo. **Nosso coração está cada vez mais frio.** Disponível em: <<http://www.amazonia.org.br/ef/opinioao/print.cfm?id=106005>>. Acesso em: 10 de dezembro de 2004.

LOUREIRO, Altair Macedo Lahud. **A velhice, o tempo e a morte:** subsídios para possíveis avanços do estudo. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

MORIN, Edgar. **O homem e a morte.** Portugal: Publicações Europa-America, 1988.

MORIN, Edgar. **O método 5:** a humanidade da humanidade. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MOUILLAUD, Maurice. As grandes mortes na mídia. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org.). **O Jornal:** da forma ao sentido. Brasília: Paralelo 15, 2002.

OLIVA -AUGUSTO, M. H. **O Moderno e O Contemporâneo:** Reflexões Sobre Os Conceitos de Indivíduo, Tempo e Morte. TEMPO SOCIAL, Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 105-119, 1995.

ORLANDI, Eni. **Análise do discurso:** princípios e procedimentos. 3 ed. Campinas: Pontes, 2001.

RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo:** questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega, 1993.

SALLES, Marcelo. **A espetacularização da morte.** Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/fd190220034.htm>>. Acesso em: 6 de janeiro de 2005.



SIMMEL, George. **A metafísica da morte**. Trad. Simone Carneiro Maldonado. *Política & Trabalho*, ano 14, n.14, João Pessoa, PPGS-UEPB. Setembro 1998, pp.177-182.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.